

**AS MARCAS ENUNCIATIVAS DE TEMPO E ESPAÇO,
NO POEMA, *PERDOEM-ME*, DE LINO VILLACHÁ**

[1] Elenir Ximenes Colman

je-elenir@hotmail.com

[2] Adelia Maria Evangelista Azevedo

adelia@uems.br

Resumo A presente reflexão tem por objetivo percorrer leituras teóricas na Linguística da Enunciação, à luz do pensamento de Émile Benveniste (1976/1996) e apresentar uma análise das categorias enunciativas no poema, “Perdoem-me”, de Lino Villachá. Buscamos responder ao seguinte questionamento de pesquisa “Como as marcas subjetivas, temporais e espaciais instauram-se no poema? As leituras e os percursos de análises apontam para diferentes atos enunciativos vividos pelos “eus”, são experiências de linguagem vividas pelo sujeito no discurso.

Palavras-chave: Subjetividade. Tempo. Espaço.

Abstract This reflection aims to explore theoretical readings in the Linguistic Enunciation Based on the thought of Émile Benveniste (1976/1996) and present an analysis of the enunciative categories in the poem, “Pardoem-me”, by Lino Villacha. We seek to answer the following question of research “How do the subjective, temporal and spatial marks be established in the poem? The readings and the analysis pathways point to different enunciative acts experienced by the “i’s”, are experiences of language lived by the subject in the discourse.

Keywords: Subjective. Time. Space.

1. Introdução

[...] o ato da fala é individual; instância de que resulta o presente é cadavez nova. Em consequência disso, a temporalidade linguística deveria se realizar no universo intrapessoal do locutor como uma experiência irremediavelmente subjetiva e impossível de ser transmitida. (BENVENISTE 2006, p. 77).

O percurso teórico na Linguística da Enunciação, à luz de Émile Benveniste, foi iniciado na graduação em Letras, UEMS – Unidade de Jardim, quando dedicamo-nos ao desafio do Trabalho de Conclusão de Curso, doravante TCC. Neste período, realizamos leituras das marcas enunciativas deixadas pelo sujeito na língua, no objeto do enunciado na poesia “Quem sou eu?” de Lino Villachá. No TCC, em 2017, compreendemos que as marcas de subjetividade, na poesia de Villachá, manifestam-se em diferentes *eus* distintos e únicos que se instauram na enunciação quando da interlocução com o “tu” leitor. Na pós-graduação, 2018, *lato sensu*, Especialização em Estudos da Linguagem – UEMS – Unidade de Jardim, mantivemos os olhares às leituras das marcas subjetivas e, além destas, às marcas espaciais e temporais no poema “Perdoem-me”, de Villachá. Houve a inclusão de mais um poema que foi analisado.

Para este momento de reflexão, selecionamos o *corpus*, *Perdoem-me*. Com isso, voltamos às marcas espaciais e de tempo instauradas no poema alvo. Delimitamos os objetivos específicos a três itens. O primeiro está na reflexão teórica, à luz de Benveniste, a respeito da categoria de pessoa e de tempo. O segundo, em apresentar leituras das marcas subjetivas no poema. E o terceiro, a questão da leitura de testemunhos de pacientes acometidos pela hanseníase.

Selecionamos para os percursos de leitura teórica os seguintes capítulos da obra *Problemas de Linguística Geral*, doravante PLG, volume I e II, de Émile Benveniste os capítulos 20 e 21, do tomo I, a *Natureza dos Pronomes* e a *Subjetividade da Linguagem*, pois estes estudos apresentam a noção de pessoa no processo de enunciação e do volume II, do PLG I, o capítulo 4, *A linguagem e a experiência humana*, do mesmo autor, uma vez que este estudo enfatiza as questões referentes à subjetividade do homem na língua.

Outro importante capítulo teórico escolhido, no volume II, de PLG, é o *Aparelho formal da enunciação*. Neste estudo, a enunciação apresenta-se no “jogo de formas específicas”, como os índices de pessoa (*eu/tu*); índices de ostentação (função dêitica da língua) e índices de tempo. A definição de enunciação, em Benveniste (2006, p. 82) vincula-se aos diversos percursos. No *Aparelho formal*, uma das definições está centrada em compreender que “[...] é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (id.,ib, 2006, p.82). Dessa maneira, é na enunciação que nasce a categoria de tempo e espaço, quando o *eu* que se enuncia a um *tu*, em um dado tempo e num dado lugar, propicia por meio das formas específicas da enunciação a renovação no processo da enunciação no ato do discurso.

Utilizamos direcionamentos proposto por Flores (2013), Agamben (2008) e Azevedo (2014) para guiar algumas interpretações a respeito das marcas subjetivas, temporais e espaciais no poema alvo.

O nosso interesse, em especial, é o tempo linguístico e o espaço visto que a instauração da subjetividade acontece, na enunciação, através do *eu* referindo a um *eu* no ato do discurso, constituindo o seu tempo no ato do discurso, mostrando as “experiências de linguagem”, cultura entre outros aspectos a serem transmitidos.

1.1 Percursos de leitura dos fundamentos sobre as marcas enunciativas em Émile Benveniste

As marcas de subjetividade são instauradas pelo locutor ao posicionar-se enquanto “eu” e evocar a presença de um “tu”. De acordo com Benveniste (2006, p.69): Desde que o pronome eu aparece num enunciado, evocando – explicitamente ou não – o pronome tu para se opor juntamente a ele, uma experiência humana se instaura de novo e revela o instrumento linguístico que a funda. [...] Esta é a atualização de uma experiência essencial, que não se concebe possa faltar a uma língua.

A experiência humana de linguagem está em todas as línguas, desse modo o eu só é único no ato do discurso e em cada ato há diferentes manifestações de “eus”.

De acordo com Flores (2013, p. 22), o estudo do PLG II, O Aparelho Formal da Enunciação traz o conceito de língua como sistema, que contém um aparelho de formas, cujo

uso é dependente da enunciação. Tem-se ainda a passagem de língua a discurso. Para esta, Flores (2013 p. 168) afirma que: “[...] o locutor se apropria da língua, do aparelho formal da língua, para construir com ela um aparelho de enunciação”. Com isso, segundo linguista brasileiro “[...] o dito aparelho formal de enunciação não é algo que esteja pronto aprioristicamente”, uma vez que é pela forma da língua que ele é construído a cada ato de discurso, é um ato novo e único.

O presente é propriamente a origem do tempo. Ele é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível, porque é necessário refletir bem sobre isso, o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o “agora” e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo. [...] O presente formal não faz senão explicitar o presente inerente à enunciação, que se renova a cada produção de discurso e, a partir deste presente contínuo, coextensivo à nossa própria presença, imprime na consciência o sentimento de uma continuidade que denominamos “tempo” (BENVENISTE, 2006, p. 85-86).

No momento na enunciação, o locutor se apropria da língua e tem-se o “ato da enunciação”, enunciando o tempo presente. Através desta experiência singular instaura-se um “tu”, tornado possível a divisão da temporalidade na enunciação. Por meio deste processo, oferece a possibilidade de (re)viver o tempo presente no ato discurso através do resgate da memória.

1.1.1 Espaço e tempo: alguns percursos enunciativos nas veredas

Em “*A linguagem e a experiência humana*”, Benveniste (2006, p. 68) esclarece duas categorias fundamentais no ato do discurso. Elas são *pessoa* e *tempo* na enunciação. As categorias de pessoa e de tempo estão ligadas diretamente visto que as formas linguísticas são reveladoras da experiência subjetiva. Segundo o lingüista sírio, “Todo homem se coloca em sua individualidade enquanto *eu* por oposição a *tu* e ele. Este comportamento será julgado “instintivo”; para nós, ele parece refletir na realidade uma estrutura de oposições linguísticas inerente ao discurso.”(BENVENISTE, 2006, p. 68).

Para Benveniste (2006, p. 70), a categoria de tempo é uma das mais ricas, e complexas, visto a natureza e o modo de explorar tais questões linguísticas. O linguista apresenta algumas ilusões no percurso dos estudos sobre o tempo e o que ele define como armadilhas do psicologismo (BENVENISTE, 2006, p.70).

O linguista sírio destaca a importância da subjetividade do homem na língua, vista no ato da enunciação por meio das categorias de tempo e pessoa, sendo que considera que todas as línguas têm categorias elementares que marcam a experiência subjetiva de sujeitos que se enunciam. Há três categorias de tempo: o físico do mundo, o crônico e o linguístico.

Optamos pelo tempo linguístico porque este, segundo Benveniste (2006, p 74), relaciona-se ao tempo específico da língua. Esta por sua vez está ligada ao exercício da fala, definindo e

organizando como função na enunciação, na categoria de tempo, além de definir o sujeito no ato da enunciação, ser único no discurso ao usar a língua.

Benveniste (2006) afirma que o tempo linguístico é o fundamento das oposições temporais da língua, uma vez que o presente constitui a linha de separação entre dois outros momentos, que são igualmente inerentes ao exercício da fala: no momento em que o acontecimento não é mais contemporâneo na enunciação, deixa de ser presente e deve ser recordado pela memória, e o momento em que o acontecimento ainda não é presente, virá a sê-lo e se manifesta no ato da enunciação.

O presente linguístico é o fundamento das oposições temporais da língua. Este presente que se desloca com a progressão do discurso, permanecendo presente, constitui a linha de separação entre dois outros momentos engendrados por ele e que são igualmente inerentes ao exercício da fala: o momento em que o acontecimento não é mais contemporâneo do discurso, deixa de ser presente e deve ser evocado pela memória, e o momento em que o acontecimento não é ainda presente, virá a sê-lo e se manifesta em prospecção (BENVENISTE, 2006, p. 75).

Desse modo, para Benveniste não existe o tempo passado e futuro, apenas o tempo presente, independente do fato ter ocorrido anteriormente, o momento em que o sujeito enuncia é o tempo presente.

Outro conceito de Benveniste (1995, p. 289) sobre o tempo no ato do discurso tem origens no Dictionnaire général. Este define o presente como “o tempo do verbo que exprime o tempo em que se está”. Devemos tomar cuidado; não há outro critério nem outra expressão para indicar “o tempo em que se está” senão tomá-lo como “o tempo em que se fala”. Esse é o momento eternamente “presente”, embora não se refira jamais aos mesmos acontecimentos de uma cronologia “objetiva” porque é determinado cada vez pelo locutor para cada uma das instâncias de discurso referidas. O tempo linguístico é referencial. Em última análise, a temporalidade humana com todo o seu aparato enunciativo revela a subjetividade inerente ao próprio exercício da linguagem.

A categoria de espaço é o sistema de coordenadas espaciais. Tem-se assim uma organização do ato do discurso a partir de um ponto central, que é eu, de acordo com as modalidades variáveis. Outro fator importante do espaço é localizar todo objeto em qualquer campo que seja, uma vez que aquele que o organiza está, ele próprio, designado como centro e ponto de referência (cf. Flores, 2013 p. 123). É atualizada por meio de índices de ostentação (de maneira geral, os demonstrativos) e de localização espacial (os advérbios, por exemplo). O herdeiro de Benveniste esclarece que para o espaço há uma diferença de natureza entre a temporalidade retrospectiva, que pode assumir várias distâncias no passado de nossa vivência, e a temporalidade prospectiva, que não entra no campo de nossa experiência e não se temporaliza senão enquanto previsão dela.

Segundo Benveniste (2006), o sujeito em sua subjetividade é acompanhado pela ação enunciativa do pronome eu e suas instâncias apresentam diferentes sujeitos em diferentes

momentos enunciativos. Isto se justifica porque há uma relação de indicador: (...) essa relação do indicador à instância única que o manifesta, a língua recorre a uma variedade de termos distintos que correspondem um a um aos primeiros, e que se referem não mais à instância de discurso mas aos “objetos “reais”, aos tempos e lugares “históricos” (BENVENISTE, 1995, p. 268). Por isso, as correlações como eu: ele, aqui: lá, agora: então, hoje: no mesmo dia, ontem: na véspera, amanhã: no dia seguinte - na próxima semana: a semana seguinte há três dias: três dias antes, etc. A própria língua apresenta diferenças temporais profundas entre os planos temporais.

Lembramos que a categoria de tempo está aliada à categoria de pessoa. Elas estão ligadas ao exercício da fala, se definem e se organizam no discurso. O tempo na enunciação tempo tem seu centro – um centro ao mesmo tempo gerador e axial – no presente da instância. Flores (2013, p. 95) destaca que o “[...] essencial, portanto é a relação entre o indicador de tempo, espaço ou pessoa e a instância do discurso”. Tem-se que a relação acontece apenas no ato da enunciação e juntos.

Podemos afirmar então que o sujeito é ponto de referência para marca de espaço e tempo se organizarem. Assim, o tempo e espaço são correlacionados no interior do eu, são produzidos somente na enunciação e se marcam na instância do discurso. O aqui é o indicador de espaço do eu e o presente é o tempo em que acontece o ato da enunciação que o descreve. A partir desses dois elementos, organizam-se todas as relações espaciais e temporais.

Portanto, para cumprir nossos objetivos analisaremos as marcas subjetivas, a categoria de tempo e espaço no corpus de pesquisa do poema, *Perdoem-me*, de Lino Villachá.

2. Análises das circunstâncias enunciativas no corpus

O poema, *Perdoem-me*, alvo desta reflexão, apresenta um diálogo interiorizado, formulado em linguagem interior, entre um “eu” locutor e um “tu” ouvinte. Este acontece somente quando “eu locutor” enuncia e mantém um “tu”. Com isso, o “eu” passa de locutor a sujeito e este “eu” só existe porque há o “tu” em função do eu. Cada vez que se instaura um “eu” é um novo “eu” que se instaura em função do “tu”/leitor e ouvinte.

Outro fator importante são os índices específicos, marcadores do tempo presente no poema *Perdoem-me*. Eles indicam que, mesmo tendo sido escrito no ano de 1976, a poesia ainda é atual, pois o ato de enunciar sobre o tema da hanseníase atualiza o sofrimento que a doença causa.

Há no discurso um sujeito marcado pelo medo e pelo preconceito por conta da hanseníase que ainda é recorrente em nossa sociedade brasileira. O “eu” faz uso do tempo presente, com isso instaura o presente atemporal, tal como será, a partir deste momento.

Meus amigos,

Eu sofro desde pequeno.

Nem é preciso que o diga...

Nada vos reclamo:

em meio à alegria
da meninada
eu já era calado...

Na primeira circunstância enunciativa, encontramos o índice que remete à criança “desde pequeno” que usa a subjetividade para transmitir a ação enunciativa por meio do diálogo interno, apresentando seu sofrimento e lembranças, propondo-se como sujeito no ato do discurso. Leiamos:

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de “subjetividade” de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como “sujeito”. Define-se não pelo sentimento que cada um experimenta de ser mesmo (esse sentimento, na medida em que podemos considerá-lo, não é mais que um reflexo) mas como a unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência... (BENVENISTE, 1995, p.286)

O primeiro momento é marcado pela 1ª pessoa “eu” **Eu sofro** (grifos e negritos nossos), e pela categoria de pessoa que enuncia o passado: “pequeno”. De acordo com Benveniste (1976, p. 278) “eu significa a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém o eu”. Percebemos na primeira circunstância enunciativa o uso do tempo verbal no presente do indicativo e no particípio, estes mecanismos linguísticos são classificados por Benveniste (1995, p. 289) como tempo verbal da enunciação. Isto ocorre no discurso, a partir da instauração do “eu”, tem-se assim: “Eu sofro desde pequeno/eu já era calado”. É a passagem de língua a discurso, isso instaura o passado, a fase da infância, no discurso do sujeito.

Assim, há vários “eus” na enunciação, uma vez que o sujeito traz a marca o tempo linguístico que é uma categoria de linguagem. Esta é produzida na e pela enunciação. Assim, todas as vezes que o pronome eu aparece em um enunciado “uma experiência humana se instaura de novo e revela o instrumento linguístico que a funda” (BENVENISTE, 2005, p. 69). Destacamos também uso da preposição “desde” que indica uma escolaridade semântica iniciada na fase infantil com as complicações causadas pela hanseníase: “ Eu sofro desde pequeno/ Nem é preciso que o diga.../ Nada vos reclamo/ em meio à alergia da meninada/eu já era calado...” Podemos afirmar que neste momento da enunciação a criança (o “ele”, menino) já demonstrava o sofrimento, pelas marcas deixadas pelo agravo, como as dores, a incapacidade correspondente de sentir dor e temperatura, a fraqueza muscular, entre outros problemas. A criança mostra que está ligado ao tempo, ou seja, a algo que aconteceu no passado de alguém que fala, mas que terona, através da linguagem, ao presente da fala.

Ao analisarmos a segunda circunstância enunciativa, eis que emerge o testemunho dos sujeitos: “enquanto **eu me tornava**(negritos nossos)

cada dia mais infeliz/Só ficaram/sonhos e poesia” (grifos e negritos nossos), tanto que julga importante trazer para o presente de sua fala, identificando com a história do menino citado por Agamben (2008). Neste caso, a criança judia sabia que o campo de concentração, o maior holocausto da humanidade, causava dor, angústia e sofrimento constantes, segundo o testemunho do primo Levi que destaca “cheios de busca de asserção, de vontade de libertar-se, de romper a tumba do mutismo”.(AGAMBEN 2008, p. 46).

enquanto eu me tornava cada dia mais infeliz.

Só ficaram

sonhos e poesia.

Os problemas da vida

e os sofrimentos,

todos os momentos

me acompanharam

como aves de rapina!

As formas pronominais em primeira pessoa são *pontos de apoio*. Assim, “me acompanharam”, identificado no segundo momento, é um indicador da subjetividade, posto que são formas que se vinculam ao discurso.

Os versos do poema são marcados pelas marcas de continuidade e pela temporalidade evidentes na enunciação, por meio de marcas subjetivas do sofrimento em “todos os momentos”. Além disso, acompanha-o em muitos momentos da vida do sujeito. Porém, podemos afirmar que o presente é o único tempo da enunciação porque ele só existe ao ser enunciado; logo, passado e futuro não fazem parte do tempo enunciativo, pois este é atualização. Nessa perspectiva, o tempo é sempre presente, um presente contínuo e coextensivo, um aqui-agora existente pelo ser, por meio da “[...] referência interna, entre o que vai se tornar presente e o que já não é mais”. (BENVENISTE, 2006, p. 85-6).

A enunciação promove a instauração de dois tempos: o primeiro, pertencente ao aqui-agora (irrepetível); e o tempo presente na memória, embora dependente do primeiro, torna possível viver, linguisticamente, uma experiência do passado no ato do discurso.

Neste terceiro momento enunciativo, o poema apresenta vários *eus*

caracterizando que “a enunciação é a acentuação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo” (BENVENISTE, 2006, p. 87), apontando vários caminhos para alcançar a libertação, mas somente a morte levará à cura dos sofrimentos, além de envolver o leitor com o seu desabafo. Utiliza-se de metáforas para descrever o caminho da salvação, ao enunciar “Oh! meus caros:/ eu busco/ a Aurora de uma Manhã Radiante,/ eu ando atrás/ de uma paz/ distante/ que se esconde/ entre nuvens!”, afirmando que no enunciado “cada eu tem sua referência e corresponde, ao ser único proposto como tal [...]” (BENVENISTE, 1995, p. 278).

Oh! meus caros:

eu busco

a Aurora de uma Manhã Radiante,

eu ando atrás

de uma paz

distante

que se esconde

entre nuvens!

A quarta circunstância enunciativa mostra a solidão “como uma casa vazia/sem dono/sem água/sem nada” envolvendo a “pura enunciação de palavras combinadas, repetidas por cada um dos enunciadores” (BENVENISTE, 2006, p. 90). A hanseníase é um problema de saúde pública recorrente no Brasil, que ainda afeta várias pessoas.

Diante

de um céu claro

de abandono

eu me sentiria

como uma casa vazia,

sem dono

e sem água...

Céu sem nuvens, sem nada,

com limbo se assemelha:

é nas nuvens, em cada nuvem

que o Crepúsculo
espelha!
E no peito de cada
amigo, em cada coração,
uma canção reconheço.

Geralmente os sujeitos portadores da hanseníase apresentam muitos tipos de sentimentos físicos que em grau do agravo, causam mutilações pelo corpo. E além desses, os decorrentes de questões emocionais e sociais.

Na quinta circunstância enunciativa, o sujeito utiliza a metáfora “Minha canção é feita do silêncio”, com o verbo no presente tem-se novamente o tempo da fala e dos vários eus. Segundo o linguista sírio, o tempo da fala atualiza o discurso, uma vez que “[...] é cada vez um ato novo [...] a inserção do locutor num momento novo do tempo e numa textura diferente de circunstâncias e de discursos” (BENVENISTE, 2006, p. 68).

Os sofrimentos vivenciados em diferentes momentos da vida e como a esperança do poeta se assemelham a Cristo que está sempre pregado na cruz. O presente atemporal na enunciação recupera e instaura o aqui, isso ocorre pelo princípio enunciativo benvenistiano “[...] Esta parece ser a experiência fundamental do tempo, de que todas as línguas dão testemunho à sua maneira” (id.ib., 2006, p. 76).

Perdoem-me, no entanto,
se diante de vossa
alegria
de repente entristeço...
É que o meu...
O meu canto só se traduz
quando todos estão
calados...
Minha canção é feita
do silêncio de que é feita

a luz da Esperança
dos crucificados:
rompe a vida e ao rompe-la
alcança
o infinito
embriagando estrelas!

Na análise do poema identificamos a enunciação no tempo presente da fala. Apontamos a relação pessoal, temporal e espacial, podendo assim destacar que como defendido por Benveniste, a enunciação se faz presente na inclusão do homem. Por meio do testemunho de experiência de linguagem e da vivência como portador do agravo, o sujeito torna-se uma testemunha em primeira pessoa.

O testemunho do sujeito por meio da poesia evoca a “verdadeira testemunha”, no qual o sujeito relata o sofrimento que deixa marcas psíquicas, físicas e emocionais durante toda a sua vida. Esta, segundo AGAMBEN (2008), tem lugares importantes na enunciação porque considera o sujeito um sobrevivente aos fatos vivenciados. Ora é sujeito que recorda o passado, ora é o que denuncia os preconceitos vividos em sociedade.

Nos versos, é possível afirmarmos que o “[...] o lugar de testemunha é fundamental na enunciação, considerando que o sujeito é o que sobrevive aos fatos e dá testemunho de si e dos outros. Por isso, é quem se desloca sempre como sujeito na instância do discurso.” (cf. AZEVEDO, 2014, p.188). Portanto, o poema de Lino Villachá apresenta vários “eus”, cada um representa uma fase na sua vida descrevendo as buscas e angústias existenciais.

A instauração dos “eus” ocorre pelos usos das categorias de pessoa, tempo e espaço, pelos usos das experiências da linguagem humana por meio das representações de sofrimento vivenciado individualmente e que são compartilhados pela grande maioria dos pacientes acometidos pelo agravo.

Nas marcas enunciativas, o sujeito será, ao mesmo tempo, testemunha em primeira pessoa e em terceira pessoa daqueles que não puderam manifestar suas falas. Agamben (2008) afirma sobre as duas categorias de testemunhas que a em primeira pessoa ocupa o lugar e a responsabilidade em “testemunhar pela impossibilidade de testemunhar”, mesmo sendo um sobrevivente do holocausto, não chegou ao fim, ao “órbita”, pois autêntica testemunha não é capaz de falar sobre o fato.

Assim, podemos perceber a importância do sujeito na enunciação e o testemunho que permite saber dos acontecimentos, resgatando os sentidos das palavras e momentos de experiência do homem na língua, as marcas da subjetividade no discurso, além de mostrarem as instâncias enunciativas evocadas pelos sujeitos. Estas instauram momentos distintos desse sujeito na enunciação. Há vários “eus” quando poeta se propõe como “sujeito” no poema, designando um tu “na alocução” que são o(s) leitor(es).

É lembrar que para Benveniste (1995) que as experiências de linguagem, a exemplo

das circunstâncias enunciativas analisadas, não se referem a um indivíduo específico, mas ao homem presente na língua e na linguagem. A luz do pensamento de Benveniste é um campo muito amplo dentro na linguística, no entanto, para este momento, atentamos-nos às marcas da subjetividade na linguagem.

Observamos que o tempo linguístico é um tempo no ato do discurso, não estabelecendo relação com os tempos verbais. É a enunciação que cria o 'aqui-agora' da enunciação. Desse modo, a temporalidade é produzida na e pela enunciação, pois o tempo presente está na enunciação.

Buscamos a compreensão da categoria de tempo redimensionado no ato do discurso do poeta, porque o poema está ligado ao tempo. Trata-se, assim, de um fato ocorrido no passado do Lino Villachá, que retorna por meio da linguagem. O sujeito instaura-se com isso o presente atemporal na enunciação, sob forma de fatos ocorridos em 1976, visto que a doença evolui com o tempo causando sofrimentos contínuos. É o que o linguista esclarece em “[...] cada vez que um locutor emprega a forma gramatical do ‘presente’ (ou uma forma equivalente), ele situa o acontecimento como contemporâneo da instância do discurso que o menciona” (BENVENISTE, 2006, p. 74)

3. Considerações finais

Ao propormos a análise do poema, *Perdoem-me*, a partir da Linguística da Enunciação, buscamos compreender parte das experiências humanas identificadas através das marcas enunciativas pessoais, temporais e espaciais, ou seja, a passagem de língua a discurso, quando dos usos da primeira pessoa.

Identificamos o papel do tempo, evidente na memória e/ou na repetição nos atos de fala, visto que é no aqui-agora da enunciação que se instaura a temporalidade, ou seja, o presente atualiza as cenas da memória. E, assim, tem-se a enunciação, só existindo sujeito na linguagem. A enunciação só se torna possível por conta do encontro entre eu e tu na e pela linguagem que permite viver a experiência do tempo no presente.

As marcas de subjetividade identificadas nos atos de fala evocam a presença de vários “eus” na enunciação, porque elas estão presentes em todos os momentos de circunstâncias enunciativas presentes no texto, desde criança, apresentando uma expressão subjetiva do eu, pelo sofrimento e angústia que fizeram parte de toda a vida do sujeito, mostrando as marcas de subjetividade que atualizam a enunciação.

Observamos que o “eu” ao narrar sua experiência de vida, mostra o sofrimento individual e coletivo por conta das complicações que a Hanseníase traz ao longo do tratamento. O “eu” torna-se uma testemunha em primeira pessoa no processo da enunciação, explicada na obra de Agamben (2008).

Assim, podemos encontrar no corpus da análise a linguagem e a língua interagindo de forma viva, uma vez que podemos identificar nas construções realizadas pelo sujeito, o testemunho de uma experiência vivida. Tem-se com isso até o final, a necessidade de enunciar o passado no presente. Neste caso, as experiências de um doente e as sequelas deixadas pela

crueldade dos sintomas da hanseníase e de alguns processos excludentes da sociedade.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha**. São Paulo: Boitempo, 2008.

AZEVEDO, A. M. E. **A experiência na e pela lingua(gem) em testemunhos dos povos ameríndios: a instauração de lugares enunciativos**. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral I**. Trad. NOVAC, Maria da Glória; NERI, Maria Luisa. 4ª Ed. Campinas, São Paulo Pontes, 1976.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. Tradução Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989.

FLORES, V. do N. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2013.

VILLACHÁ, Lino. **Perdoem-me a poesia de Lino Villachá**. São Paulo: Eletrofotostática; Vaner Bicego s.a.

AUTORES

Elenir Ximenes Colman

Possui graduação em Letras - Português e Inglês e Especialização em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - Unidade de Jardim. Atuou como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência - PIBID/UEMS no ano de 2014 e 2015.

Adelia Maria Evangelista Azevedo

Docente Efetiva - TI do Curso de Letras - UEMS - Unidade de Jardim, atua nas disciplinas de Língua Portuguesa III, Introdução aos Estudos Linguísticos e Estágio Sup. de Língua e Literaturas de Língua Portuguesa II. Doutora na área de Letras, linha de Pesquisa da Linguística da Enunciação pela UFRGS, Conceito 6 da CAPES, Dinter "Ciências sem Fronteiras" - 2010-2014. Foi coordenadora de área do Pibid - Letras - Português/Inglês e coordenadora de área no Residência Pedagógica

Recebido em: 30 de Abril de 2019

Aprovado em: 28 de Junho de 2019

Como citar este artigo:

COLMAN, E. X.; AZEVEDO, A. M. E. As marcas enunciativas de tempo e espaço no poema, *Perdoem-me*, de Lino Villachá. *Ipê Roxo*. Jardim, ano 1, n. 1, p. 4-15, jul-dez, 2019.